NUNCA IMPORTAMOS TANTO. E ISSO É BOM

O aumento das importações dá pistas dos setores que se preparam para uma fase de rápido crescimento

JOSÉ ROBERTO CAETANO

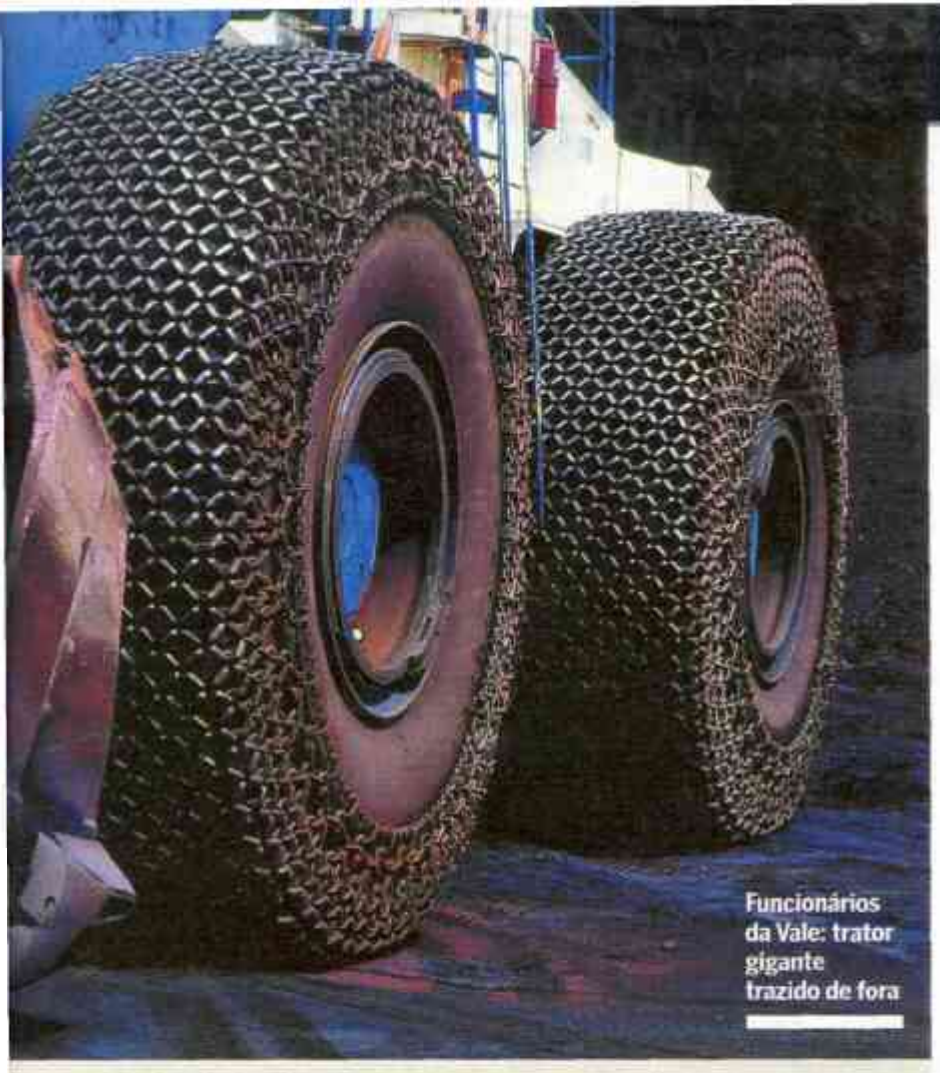
ilustração

EM JANEIRO DE 2008, O GRUPO americano John Deere deve inaugurar, na cidade gaúcha de Montenegro, próximo a Porto Alegre, sua terceira fábrica no Brasil. A unidade representa uma expansão da capacidade **produtiva** da empresa para atender ao aumento das encomendas de tratores agrícolas e colheitadeiras. Dos 100 milhões de dólares orçados para a nova fabrica. 20 milhões estão sendo investidos na aquisição de.centros de usinagem e outros equipamentos de alta tecnologia importados do Japão e da Alemanha. "Tomamos a decisão de investir na expansão quando o agronegócio entrou em crise", diz Paulo Hermann. diretor de marketing da John Deere. "Agora estamos prontos para acompanhar a nova fase boa do setor."

A John Deere é apenas um exemplo dás muitas empresas no país que estão importando máquinas e equipamentos — muitos deles de alta tecnologia, sem similar nacional — para modernizar seu parque e ampliar a produção. Os casos se multiplicam em diversos setores, o que resultou num crescimento de 41,5% nas importações de bens de capital em setembro, comparado ao mesmo mês do ano passado. Mais componentes, mais matérias-primas e mais bens de consumo também estão sendo desembarcados no Brasil, numa aceleração geral do passo das importações. Até o final de setembro, o país acumulava 86 bilhões de dólares gastos com a compra de produtos do exterior. A previsão para o ano todo é fechar a conta em 116 bilhões de dólares — um recorde histórico, com aumento de 27% sobre o volume do ano passado. Como as exportações devem evoluir na casa de 14%, o ritmo de crescimento superior das compras suscitou algumas análises de que o Brasil estaria prestes a perder uma vantagem conquistada desde 2002, a dos saldos positivos nas trocas comerciais com o mundo. A culpa seria da valorização do real, que teria permitido uma invasão de produtos estrangeiros, especialmente chineses. Por isso, segundo analistas mais exagerados, já estaria em curso um processo de desindustrialização desenfreada. "Considero um abuso a utilização desse termo", diz o economista Fábio Giambiagi, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). "Como é possível Mar em desindustrialização com a indústria crescendo à taxa anual de mais de 5% e o próprio setor de bens de capital nacional se expandindo a 17%? O que estamos assistindo é um movimento de modernização, que trará ganhos de produtividade à economia,'"

Saldo **favorável**

Embora as importações estejam crescendo mais rápido que as exportações...



Funcionários da Vale: trator gigante trazido de fora

Investimento em alta
Os setores que mais aceleraram a compra de máquinas e equipamentos importados
Variação das importações de máquinas (1)

(l) Acumulado de janeiro a agosto, em comparação com o mesmo período de 2006 Fonte: Abimaq

...o Brasil está gastando mais na compra de máquinas do que na importação de bens de consumo...
Participação no total importado em 2007 (1)

...e a maior parte do volume de máquinas importadas se destina a equipar a indústria
Distribuição por categoria de uso (2)

Fontes: Funcex/Secex/MDIC (1) De janeiro a agosto (2) Estimativa

De fato, uma avaliação mais atenta dos números do comércio exterior e dos indicadores gerais da economia brasileira desautoriza, pelo menos por enquanto, as conclusões negativas sobre o efeito do aumento das importações. Em primeiro lugar, porque as exportações também caminham para novo recorde, estimado em 157 bilhões de dólares. Com isso. o Brasil deve contar em 2007 com superávit comerciai de 40 bilhões — menor, é verdade. que os 46 bilhões do ano passado, mas ainda muito confortável. Até mesmo o setor de calcados, um dos que mais reclamam da competição crescente com produtos importados, vem registrando aumento das vendas externas.

Além disso, as importações estão em alta não como sinal de fraqueza da economia brasileira frente à competição externa. A causalidade é exatamente oposta. "O aumento das compras responde a uma aceleração da demanda doméstica, que está crescendo mais rapidamente do que a produção local", diz Fernando Ribeiro, economista da Fundação Centro de.Estudos do Comércio Exterior (Funcex). Ou seja, as importações atendem a necessidades que os produtores nacionais não estão conseguindo suprir — se isso não ocorresse, os preços dos produtos tenderiam a subir, gerando inflação. "Quando a economia estava estagnada, as importações não cresciam". afirma Ribeiro. "Agora, o Brasil está caminhando para uma situação mais normal e parecida com a de outras economias." O país ainda é acanhado em matéria de participação do comércio exterior no produto interno bruto. Um levantamento leito pela agência de classificação de risco Fitch-Ratings aponta o Brasil no último lugar nesse quesito entre 102 países, uma relação que cobre desde Estados Unidos e Japão até Gâmbia e Ruanda. "Temos uma economia muito fechada", diz Rafael Guedes, diretor da Fitch. "Olhando por esse prisma, o aumento das importações pode ser um problema para alguns setores e empresas que não são eficientes, mas para o país como um todo é algo muito positivo." O sinal se torna ainda mais positivo quando se verifica que o Brasil está gastando mais com a importação de máquinas e equipamentos do que com artigos de consumo, De acordo com a Funcex, as compras de

bens de capital alcançaram 10,4 bilhões de dólares até o final de agosto. Por outro lado, o gás-

Porto de Pecém, no Ceará: recorde de importação

mo televisores, automóveis, alimentos, bebidas e roupas foi inferior a 8 bilhões de dólares. Na verdade, na conta das importações brasileiras o que mais pesa são os chamados bens intermediários — uma lista que compreende desde trigo e fertilizantes até componentes eletrônicos e químicos, utilizados como insumos da própria indústria e do agronegócio.

OS SETORES QUE ESTÃO ACELERANDO a importação de máquinas — e também comprando mais equipamentos fabricados no país — são os que, estimulados pela demanda doméstica ou pela exportação, já alcançaram limites de capacidade instalada. Entre esses estão os de papel e celulose e a indústria de embalagens. Outro destaque é a mineração, que continua crescendo aceleradamente graças ao impulso da demanda internacional. A Vale do Rio Doce, por exemplo, não pára de investir na ampliação de suas minas, e para isso está importando equipamentos especiais, como tratores e caminhões gigantes. No agronegócio. outro setor em rápida expansão, a pujança do etanol. com a multiplicação dos projetos de usinas e a ampliação do cultivo de cana-de-açúcar, combina-se com a reação da área de grãos. O resultado é um aumento de 42% na produção de tratores e colríeítadeíras e de 12% na importação de máquinas agrícolas. "O melhor é saber que muitas dessas máquinas são o que há de mais moderno no mundo da agricultura hoje, como os tratores monitorados por satélite'", diz Hermann, da John Deere. A expansão da petroquímica, do setor de petróleo e da construção naval está demandando mais equipamentos, como válvulas industriais, caldeiras, tanques e tubos de ferro e aço. Os especialistas apostam que, em breve, outros setores vão se juntar a esses e também aumentar os investimentos em máquinas. Na indústria automobilística, por exemplo, a produção encontra-se em alta, mas por enquanto apenas ocupando a capacidade instalada que estava ociosa. A perspectiva é que novas fábricas e as expansões das atuais sejam tocadas nos próximos anos por montadoras e fabricantes de autopeças. A Fiat e a Toyota são duas empresas que já estariam com planos de expansão. Do mesmo modo, o setor siderúrgico, com grandes projetos de novas usinas anunciados por CSN, Vale e Usiminas. deve entrar em nova fase de investimento forte.

Há mercado tanto para fornecedores nacionais quanto para as importações de máquinas, necessárias para complementar o que a indústria local não tem tecnologia ou escala suficiente para produzir. Isso está acontecendo na implantação de uma nova fábrica do grupo americano International Paper, que deverá dar partida no início de 2009 em Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. A máquina de fazer papel encomendada será a primeira a ser instalada no país em mais de uma década. O fornecedor, contratado em março, é a alemã Voith Paper, com fábrica em São Paulo. Mas alguns componentes de alta tecnologia do equipamento terão de vir de unidades da Voith na Alemanha e na Inglaterra. Do mesmo modo, máquinas para o acabamento do papel virão da Will Pemco, com fábricas nos Estados Unidos e na Alemanha. "São itens de última geração, sem similar nacional", diz Luis Cláudio Pereira, gerente-geral da futura unidade de Três Lagoas da International Paper.

É claro que o real valorizado, ao mesmo tempo que torna mais fácil a importação, diminui a rentabilidade dos exportadores. "O aumento da importação não preocupa no curto prazo, o que preocupa é a desaceleração das exportações", diz Ribeiro. *"É* preciso acompanhar bem isso." Mas a moeda não é o único fator que influi na competitividade dos produtos — há outros que, dependendo do caso, pesam muito mais. como a logística, o custo da mão-de-obra, a carga tributária e os juros sobre o capital. "Não adianta reclamar do câmbio, porque ele é uma gangorra. Se ganhamos de um lado, perdemos do outro", afirma Hermann. "O que temos de fazer é buscar permanentemente ganhos de eficiência." Isso vale para cada empresa, e vale também para o país. •

Fonte: Exame, ano 41, n. 20, p. 48-50, 24 out. 2007.